

Editorial

Entrar num texto como quem entra num terreiro, numa capela, numa roda. Esta é a ideia primeva da literatura de campo: peregrinar e voltar para contar. Com isto, esta literatura, em campos plurais, com sua amplitude de temas e de significados, apresenta-se e dissemina-se no âmbito da transdisciplinaridade. Esta vertente, instaurada numa dialógica da colonização, conjuga-se, neste novo milênio, com os estudos da cultura popular, da oralidade e da performance. Esta base integra o pilar de uma dinâmica intelectual que reverbera na prática de um pensamento por escrito. Quem viaja, quando volta, volta para contar e rememora a narrativa da peregrinação. O deslocamento, no viramundo, altera, *gauche*, modos de percepção da vida, de construção da história, de ruptura com o cotidiano e alia-se aos movimentos das artes vitais

e da valorização das experiências dos indivíduos e de coletividades.

Esta proposta, na Revista Cerrados, é uma *pensamento em progresso*. Uma isca, uma armadilha, uma bússola que suleia (e não norteia) as direções. Ela não se restringe ao ato monológico de escolher uma temática fechada e excludente, limitada por um único autor ou teórico. Ela não serve aos bastiões do neoliberalismo, da assimilação trocadilhesca da teoria pós-moderna importada pelas editoras e papagueada pelas universidades. Ao contrário, o termo *Literatura de campo* é inédito. Nesta condição permitiu que pensadores do Brasil e do exterior constituíssem o próprio conceito. E, uma vez inventado no *áspro*, no *liso do suçarão*, entre *palames* e *bicicletarias* tornou-se uma chamada inacabada.

Embora as ferramentas para a pesquisa tenham um ar de atualidade, temos vários nomes da tradição de escritores luso-brasileiros e brasileiros que viajaram (peregrinaram) para escrever, colher, reinventar suas obras e a própria condição de escritor. De modo muito geral a Literatura de Campo é composta por vários autores: Padre Anchieta, Padre Vieira, Tomás António Gonzaga, Euclides da Cunha, Hugo de Carvalho Ramos, Mário de Andrade, Erico Veríssimo, José Godoy Garcia, Hermilo Borba Filho, Guimarães Rosa, Darcy Ribeiro, Ariano Suassuna, Milton Hatoun, dentre outros. Todos autores citados peregrinaram pelo país em busca da *língua certa do povo, da língua errada do povo*, para macaqueá-la, estilizá-la, imprimi-la.

Neste número da *Revista Cerrados* apresentamos um pensamento atual e atuante com posturas políticas ressaltadas pelas perspectivas e abordagens. Ao trabalhar com performance, oralidade, vocalidade e cultura popular, o pesquisador defronta-se com preconceitos forjados, importados e mal-traduzidos, cuja valorização do escrito, da *literatura difícil*, principalmente a importada da Europa, tenta descaracterizar e diminuir a expressão do campo pensada nos *campi*. Esta proposta foi chamada de Literatura de Pobre, de portadora de *temas menores*, de *coisa fácil* e outros epítetos preconceituosos e mal fundamentados. Nesta perspectiva, a renovação da crítica literária brasileira tem sido muito importante para a elaboração de uma nova teoria do literário. Isso significa dizer que entendemos a Literatura de Campo não só como um paradigma, mas como um paradoxo para a releitura do cânone e de novas percepções da literatura em vários momentos e diferentes modos de expressão.

Além disso, em perspectiva comparativista, estas vertentes – cultura popular; oralidade; estudos da performance cultural e artística – em diálogo com a crítica literária, consolidam-se como um pensamento que parte do artefato discursivo e que permite delinear índices simbólicos e dialógicos no conjunto de cada produção. Tais índices funcionam como ferramentas analíticas no interior das obras e servem, no limiar, de parâmetro para o diálogo com outros autores e outras expressões, para a aproximação entre ética e estética dos imaginários anteriores, documentados e impressos e os de nossa época vocalizados e corporalizados.

A obra literária, neste número, é sempre repensada a partir do *lôcus*, em seu contexto de criação, em sua língua viva e expressão, a partir do movimento editorial e/ou de sua repercussão oral e intermediária. O pensamento da Literatura de Campo produz, compila, repensa e co-participa da recepção brasileira que apresenta o seguinte paradoxo: consideráveis tiragens de obras consagradas, o conhecimento quase incipiente das variantes populares e orais e uma história da Literatura contada a partir do Litoral e do Sul-Sudeste do país. A expressão Literatura de Campo performa a seguinte percepção: a Literatura Brasileira continua em *formação*. E, ao partir desta perspectiva pretendemos dinamizar os modos de representação das culturas populares e popularizadas, bem como os modos menos canonizados da expressão cultural. Trata-se, na verdade, de valorizar, no mesmo grau, as manifestações escritas e orais produzidas em comunidades urbanas e rurais, ágrafas, semi-ágrafas, letradas, quirográficas, editoriais etc.

Esta abordagem, amplia e estimula o respeito pelos povos tradicionais e pela presença do

tradicional como um vasto campo de ação. Desta maneira, pensamos as variantes de ação da(s) cultura(s) popular(e)s implicando uma prática atual e cotidiana e uma mudança na compreensão do literário a partir de dados e de informações da cultura popular, da oralidade e da performance cultural e artística. O escritor não perde seu prestígio, mas aquele que o escritor ouviu, registrou, também é valorizado.

O portador individual da tradição, o campo coletivo da cultura popular, colocam-se no mesmo patamar, por exemplo, de viajantes. Anchieta e Vieira, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, Godoy Garcia e Borba filho foram ambulantes da palavra e incansáveis narradores capazes de, na liberdade criativa, também se colocarem na condição de portadores, embora por meio da escrita, da tradição, dos palcos e terreiros. Assim, este tema repensa a própria imagem do escritor. Todos eles, detentores das ferramentas da escrita, saíram da condição cômoda do escritório para coletar, observar, escrever. Foram a campo, articularam cenários artísticos, compreenderam o problema da linguagem viva e estilizada e, principalmente a formação (vocal) e contínua da Literatura Brasileira encontrando e gerando ecos em condição expansiva.

O termo Literatura de Campo performa um pensamento gerado no Centro-Oeste, cunhado para captar e repercutir, como via de mão dupla, o pensamento do *hífen* luso-brasileiro, da imposição litorânea e autocentrada do litoral. Evocando, nunca excluindo, novos *hífens* a partir do centro do centro topográfico, da Capital Federal a literatura e a cultura e a sua produção na área de Ciências Humanas e Letras convoca que caminhem

juntas a repercussão das marchas para dentro do país e todos os impactos ainda em progresso gerados pela fundação da primeira Capital fundada por brasileiros. As anteriores ainda faziam parte de uma condição lusitana e luso-brasileira.

Primeira ou terceira margem: o Cerrado, que dá título à Revista, também pode gerar um pensamento brasileiro que repercuta para brasileiros. Esta proposta destaca a Revista Cerrados como uma das principais manifestações deste pensamento do centro. Apresenta-se como catalizadora e disseminadora de uma teoria brasileira da literatura e de uma teoria do literário centroestina.

Pensar uma literatura de campo face às sociedades, literatura(s) e cultura(s), permite analisar indícios e metáforas que indicam a pluralidade e que valorizam não tão somente o autor de obra escrita e publicada (impressa), mas, também, o portador individual da tradição, a estilização prosaica, as variantes performáticas e dramatúrgicas, as manifestações anônimas, individuais, coletivas, monológicas, dialógicas e híbridas.

Mesmo estabelecendo rupturas e transdisciplinaridade, podemos indicar, para a construção deste pensamento, alguns articuladores da literatura de campo a partir das temáticas propostas: Mário de Andrade/Borba Filho/Godoy Garcia; Bakhtin/Benjamin/Burke; Zumthor/Turner/Schechner/Dowsey; Cohen/Teixeira/Ligièro/Muller). Outros reverberam nas referências dialógicas e bibliográficas e outros, aqueles que ora publicam seus textos aqui, compõem uma rede pensante de novas abordagens, posturas fronteiriças e, principalmente, modos de ver e pesquisar que se abrem para o cotidiano. Aqueles com publicação neste volume compactuam, no sentido rosiano, com o ritual de transe.

(Seria muito cômodo dizer que “damos voz” às margens, aos excluídos, aos desfavorecidos, mas isto não passa de artefato discursivo de fácil digestão acadêmica. Para além das fórmulas prontas que geram acomodação entre pesquisadores e dificilmente facultam o entendimento da condição humana brasileira nas suas mais dinâmicas formas culturais e literárias este número é um performativo do literário – até mesmo o atraso na publicação é um performativo de que a temática ainda é muito mal digerida pela academia).

O objetivo desta temática era exatamente lançar a ideia em aberto e deixar que aqueles que se colocaram pudessem ir redefinindo o conceito de Literatura de Campo em seus textos, em suas perspectivas, em suas maneiras de contar o vivenciado e o experienciado. Com isso, podemos analisar os fenômenos dialógicos que, de forma consciente ou não, abrigam os vários suportes e as múltiplas formas discursivas e simbólicas deste volume. Modos de viver e de experienciar que convidam à intervenção respondível – daquele que estuda literatura em perspectiva plena e aberta.

Para finalizar, é importante recordar os caminhos e pessoas que realmente fizeram arte, poesia e prosa de campo:

Viva Lívio Maia fazedor de brinquedos de Madeira na fábrica socialista de brinquedos pedagógicos chamada Toco; viva Clarisse Fukelman com que percorri Veredas; viva Laércio Bacelar salvador do Kanoê e mestre contumaz de etnolinguística, com quem pude dividir memoráveis aulas com mestre Arion Rodrigues Dall`Igna (*in memoriam*) nos idos de 1997; viva mestra Maria Zaira Turchi e Nilson Pereira de Carvalho, navegantes errantes

de um longa jornada pela Arca de Noé nos anos de bacharelado e de mestrado; viva Custódia Selma Sena, mestra e antropóloga, que tanto me incentivou as saídas sanchescas para o campo; viva mestre Paulo Bezerra que não se cansa de dizer nas arenas do belo *que ninguém disse ainda a última palavra*; e viva João Gabriel Teixeira que me convidou para o *Transe* de uma sociologia dionisíaca. Viva Zezinho sanfoneiro e mestre versista dos Kalunga, viva a Dindinha da Cidade de Goyaz, com quem corro atrás de farricocos na procissão do fogaréu; viva Luís Filipe Gebrim o Seu Estrelo do Fuá do Terreiro; viva Dalton Paula que anda pelo mundo em peregrinação kalungueira colhendo figuras para suas telas *naif* e pelo cerrado e todos os santos para suas performances de terreiro. Viva todos que estão na função. Agradeço aos mestres, agradeço aos companheiros de peregrinação, aos anônimos que de tão longe vem vindo, com uns versinhos de cerrados:

*o cavalo laranja
galopa dentro da noite veloz*

saúda velhos sanchos e lúcios típicos do cerrado

*o cavalo laranja procura a reza
venhanós o reino das cavalbadas*

*o cavalo laranja galopada
galopa galopa no sono da moça*

e saúda velhos kalunga e mascarados do cerrado

*o cavalo laranja
ao pé do mastro anuncia
aos homens de bom coração:*

— *coresma coresma coresma.*

(*Grande cerrado: travessia, Augusto Rodrigues*)

Augusto Rodrigues da Silva **JUNIOR**
Organizador